

# A observação de aula como uma estratégia formativa

## Para a **parceria entre docente e coordenação pedagógica**<sup>1</sup>

Simone Azevedo<sup>2</sup>

O seu olhar demora O seu  
olhar no meu  
O seu olhar seu olhar melhora  
Melhora o meu.

Arnaldo Antunes

A contribuição desse texto centra-se na ideia de fomentar reflexões sobre a observação de aula como uma estratégia formativa que pode favorecer a parceria de trabalho entre docente e coordenação pedagógica (CP). Essa parceria se consolida sob a perspectiva compartilhada de apurar o olhar sobre as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas e a relação delas com as aprendizagens dos estudantes.

Culturalmente, a coordenação pedagógica tem atrelada ao seu papel a figura de “fiscalizadora ou fiscalizador” das ações das professoras e professores – e em muitos casos dos estudantes também. Nós defendemos a ideia de que o fortalecimento do papel da coordenação pedagógica como articuladora das aprendizagens na escola, parceira da direção, das professoras e professores e corresponsável também pelas aprendizagens dos estudantes pode modificar esse cenário. Esse fortalecimento fundamenta-se na compreensão de que é necessário tornar a própria **escola um espaço permanente de formação continuada** para professoras e professores em que a CP, tendo as condições asseguradas pela direção – e validadas pela Secretaria de Educação – pode assumir a formação continuada de docentes como sua principal função.

---

<sup>1</sup> Este texto compõe a “Tecnologia Educacional Formação em Matemática nos anos iniciais” produzida pela Roda Educativa em parceria com o Itaú Social e pode ser encontrado na Plataforma Polo. As reflexões iniciais que originaram esse texto aconteceram no contexto do Programa Ação Educação, uma parceria entre a Fundação Vale e a Comunidade Educativa CEDAC (hoje denominada Roda Educativa), e foram publicadas no documento “Boas práticas de formação de coordenadores pedagógicos”.

<sup>2</sup> Simone Azevedo, coordenadora pedagógica da Roda Educativa.

Num cenário de trabalho colaborativo, em que os educadores se corresponsabilizam pelas aprendizagens dos estudantes, todos se beneficiam. E a CP, como integrante fundamental dessa equipe, se utiliza de um conjunto de estratégias formativas com a intencionalidade de assegurar que todos avancem.

A observação de aula ganha relevância nesse contexto. Ela pode, se “bem cuidada”, favorecer os laços de parceria entre docente e CP e ser incorporada às práticas de formação, com toda a sua potência, como uma ação favorável para a aprendizagem de ambos, cujo objetivo é reflexão sobre a prática.

Entendemos a observação de aula como uma estratégia formativa cujo objetivo é favorecer as análises relacionadas aos processos de ensino e de aprendizagem: as relações entre docente e estudantes; entre estudantes e estudantes; entre docente, estudantes e conhecimentos – além das propostas didáticas desenvolvidas pela professora ou professor e as metodologias empregadas como práticas de ensino. E é em função desse entendimento que relacionamos essa estratégia formativa diretamente com a reflexão sobre a prática e a afastamos das comparações com o simples ato de fiscalizar ou de avaliar o “certo” ou o “errado”.

Em consonância com Scarpa (1998), compreendemos que a observação em sala de aula é uma estratégia importante, pois fornece dados para a intervenção junto às professoras e professores em seu processo formativo, já que não se pauta somente no discurso sobre a prática (falado ou escrito). Ela valoriza o que de fato ocorreu na aula e propicia reflexões sobre interações, atitudes, valores, objetivos, conteúdos e intervenções.

## Por que essa estratégia deve ser “bem cuidada”?

Porque é a professora ou o professor o responsável pela aula, a coordenação pedagógica é a parceria profissional dessa ação. E para que a estratégia cumpra sua finalidade formativa, é necessário que algumas condições prévias sejam asseguradas, determinados aspectos sejam considerados durante a observação e que uma devolutiva à professora ou o professor que teve a aula observada seja garantida. Assim, como uma estratégia formativa intencional que é, a observação de aula requer atenção em três momentos fundamentais:

- Definição do foco de observação a partir do planejamento da aula feito em conjunto com a professora ou professor, além do agendamento compactuado da data de observação – ANTES DA OBSERVAÇÃO.
- Conduta adequada de observador que não interfere nas tomadas de decisões da professora ou professor e não o influencia. Utiliza o registro para organizar a observação, pode fotografar a aula ou filmar, caso tenha recursos para isso e também seja combinado com a professora ou professor e com estudantes – DURANTE A OBSERVAÇÃO.
- Devolutiva à professora ou professor, previamente agendada e – preferencialmente – não muito distante da data de realização da atividade. Essa devolutiva é presencial e pode ser em forma de conversa, tendo ou não um registro escrito para ser entregue à professora ou ao professor (ela ou ela também devem estar de posse da sua reflexão escrita sobre a aula) – DEPOIS DA OBSERVAÇÃO.

Esses procedimentos planejados e colocados em ação pela CP, favorecem a construção de uma cultura de colaboração e formação em que se evidencia que observar pode ser diferente de vigiar. Do ponto de vista da CP, observar a aula, como uma parceria, é ter o privilégio de identificar o que pode ser melhorado a partir do que foi planejado em conjunto com a professora ou o professor ou, ainda, tudo o que pode ser valorizado na aula. A CP tem mais condições, a partir dessa prática, de compor às reflexões da professora ou professor as suas próprias.

Essa estratégia formativa cria um contexto favorável para o “educar do olhar”. Tanto docente quanto CP definem pontos de análise e podem, a partir do que foi planejado, apurar a observação, a análise e a reflexão sobre eles. Sabemos que a rotina diária da sala de aula não permite que a ou o docente faça reflexões e registros sistematizados sobre todas as atividades desenvolvidas, nem se espera por isso. Então essa estratégia formativa também ocupa o lugar de permitir “essa parada”, esse aprofundamento necessário para o aperfeiçoamento de suas práticas. Da perspectiva da CP, essa estratégia também traz, como uma contribuição importante, a possibilidade de ter um olhar individualizado para a professora ou professor, uma vez que há um ciclo de ações que é desenvolvido em conjunto a partir das necessidades formativas desse profissional. Trata-se de um ciclo de ações muito aderente à ideia da formação continuada em serviço porque transforma a escola naquele almejado espaço permanente de construção de conhecimentos e, com isso, colabora para a autonomia intelectual dos educadores.

## Ciclo de ações



## A devolutiva à professora e ao professor - uma ação especial

Como já foi mencionado, o que acontece após a aula observada também é fundamental nesse processo. A devolutiva à professora ou ao professor precisa ser igualmente “cuidada” para que o ciclo de ações se complete adequadamente gerando os vínculos de parceria esperados.

As DEVOLUTIVAS são ações que se constituem a partir da parceria entre dois ou mais atores do processo de formação e que estão diretamente relacionadas ao favorecimento da reflexão sobre a prática. Necessariamente precisam ser **oportunidades formativas**, portanto devem ser organizadas de maneira intencional. Elas precisam se configurar pelas trocas geradas a partir do permanente confronto de ideias entre os envolvidos, e pelas oportunidades para orientação e reflexão sobre o trabalho – a elas sugerimos reservar um lugar de destaque na prática educativa.

### Porque são oportunidades formativas tanto para a coordenação pedagógica quanto para docentes?

- Porque elas permitem estreitar os laços profissionais de parceria entre CP e docente;
- Porque consolidam uma instância colaborativa e de debate, uma vez que a professora ou o professor tem escuta para a sua voz, suas reflexões. A CP organiza e articula essas ações e tem, sim, o papel de compartilhar suas percepções, análises e reflexões a fim de impulsionar o avanço docente, mas a devolutiva é construída por ambos;
- Permitem que haja interlocução nas reflexões sobre como os estudantes aprendem, uma vez que a CP tem a oportunidade de vivenciar, na própria sala de aula, várias questões que emergem durante as propostas de atividades – ainda que seja como observadora;
- Favorecem que as reflexões sobre o processo de ensino sejam permanentes e que as práticas de sala de aula possam ser debatidas e analisadas a partir da realidade vivida e compartilhada;
- Criam um contexto importante para o exercício da escrita profissional, uma vez que requer planejamento, registros e devolutivas.

Não existe um único formato para as devolutivas, mas aqui vamos destacar alguns aspectos e procedimentos que podem contribuir para sua organização:

- É desejável que a devolutiva seja realizada alguns dias após a observação de aula para que não gere ansiedade na professora ou no professor, para que as reflexões permaneçam “quentes” para ambos e, também, para que oportunize a projeção de novas ações (em muitos casos, há correções de rotas a serem feitas e decisões importantes a serem tomadas a partir do observado).
- É importante que data desse encontro seja acordada entre os envolvidos, e que o local seja devidamente preparado para essa ação para que haja tranquilidade na hora da conversa e o propósito formativo se cumpra. É por esse motivo que não é recomendado que seja realizado na própria sala de aula, na presença dos estudantes, nem na sala dos professores em situações que possam haver interrupções, ou mesmo em momentos informais e não organizados como corredor ou nos momentos corridos de encontro na entrada ou na saída das aulas.

- Tanto docente, quanto CP, devem prever em suas rotinas um tempo para a organização de seus registros e sistematização escrita de suas reflexões. Essa é uma oportunidade formativa bastante importante para o exercício da escrita profissional, uma vez que um contexto real de interlocução foi criado.
- Durante a devolutiva é importante que a professora ou o professor seja o primeiro a iniciar falando de suas percepções, análises e reflexões. Como os pontos de observação foram definidos previamente, esse é o momento oportuno para o exercício de “educar o olhar” já mencionado. Isso porque toda a troca de ideias deve girar em torno desses pontos a fim de que reflexões sejam aprofundadas e conhecimentos construídos. Neste momento, a CP acolhe as ideias da professora ou do professor e estabelece relação com as suas próprias.
- Depois de ouvir a professora ou o professor, é o momento de a CP fazer suas considerações. Seu papel é o de favorecer a construção de novos observáveis colocando luz nas intervenções didáticas realizadas e nas aprendizagens dos estudantes.

É importante, no entanto, especificar um pouco mais a qualidade da observação aqui defendida como estratégia formativa. Ela não supõe apenas ver, ouvir, perceber e descrever o que está ocorrendo. Talvez por isso Jean Piaget (1977) não diga observação, mas construção de observáveis, que ultrapassa o dado percebido explicitamente e compreende sempre uma conceitualização já encaminhada na direção da interpretação. Isso inclui refletir, inferir, levantar hipóteses, discutir, confrontar pontos de vista, argumentar e significa que uma observação nunca é independente dos instrumentos de assimilação de que dispomos e que esses não são apenas perceptivos e sim condicionados por nossas coordenações anteriores (conhecimentos prévios, concepções, valores etc.).

Scarpa, p.102, 1998

- É importante iniciar pelos pontos positivos observados na aula, desde a conduta docente, a relação com os estudantes, a organização do espaço, a abordagem dada aos conteúdos, as intervenções que realizou, a forma como considerou as colocações feitas pelos estudantes – suas dúvidas, suas ideias – o tratamento que deu aos erros, a valorização das interações. Enfim, a depender dos pontos de observação que foram acordados, iniciar pelo que deu certo é importante nesse momento.
- Depois a CP pode escolher dois ou três aspectos para aprofundar. É importante estabelecer relação com o que a professora ou o professor já trouxe nas suas reflexões, se for possível, por exemplo: “eu concordo com você sobre o tratamento que deu à questão trazida pelo Luiz na hora da socialização, você poderia mesmo ter explorado um pouco mais e pedido para ele repetir e tentar esclarecer, mas eu acrescentaria que você poderia ter pedido para a Ana Clara explicar, porque parecia que a resposta dela ajudaria, não é? Com isso, poderíamos avançar no propósito de provocarmos mais interação nas aulas”. Ou seja, aprofundar uma reflexão já iniciada. É importante também colocar luz a aspectos que não tenham sido observados pela professora ou professor, uma vez que é objetivo da devolutiva construir ou ampliar os observáveis.

- Como último ponto, é importante projetar novas ações a partir dos conhecimentos construídos por meio dessa interlocução: do ponto de vista atitudinal, dos conteúdos, de novos processos, e também relacionados à continuidade da formação em serviço. Pensar em quais encaminhamentos podem ser feitos: Há atitudes que podem ser modificadas a partir dessa experiência? Quais novas atividades podem ser realizadas com o mesmo conteúdo para identificarmos avanços futuros nas aprendizagens a partir do que foi avaliado nesse contexto? O que é nítido que os estudantes aprenderam e como isso se relaciona com o acompanhamento das aprendizagens cotidianamente? Será necessário levar algum aspecto dessa discussão para o âmbito coletivo da escola, nas reuniões com outros professores? Como podemos seguir estudando o(s) tema(s) tratados aqui, a qual referência da literatura educacional poderemos recorrer para aprofundarmos tais estudos?
- Por fim, é preciso definir como os registros elaborados tanto pela professora ou professor quanto pela CP serão utilizados. Em comum acordo cada um pode ficar com seus registros que foram utilizados para guiar a troca de ideias. Também é um bom encaminhamento que a CP entregue um registro escrito para o professor e também que o professor entregue o seu ao CP. Essas decisões estão ligadas a outros propósitos e também se articulam com a competência do desenvolvimento da escrita profissional – assunto ao qual vamos dedicar a parte final desse texto.

Como oportunidades formativas que são, as devolutivas – como faróis – podem ter a potencialidade de apontar novos caminhos. Elas não se encerram no terceiro momento (depois da observação), pois “devolver, de devolutiva”, nesse contexto, significa devolver a responsabilidade em continuar refletindo, se modificando, aprimorando a prática. Processo que deve ser feito em colaboração, a partir da parceria de trabalho construída entre coordenação pedagógica e docente.

## A escrita profissional e a relação com o ciclo de ações da estratégia formativa de observação de aula

Escrever é imprescindível para aqueles que assumem a docência como profissão, isto é, como uma prática que requer previsão, reflexão, troca com colegas, comunicação e discussão de experiências (Lerner, 2007, p.206). É com base nessa afirmação de Lerner, que se entende a escrita profissional como uma ação que favorece a reflexão sobre a prática pedagógica e a construção da autoria do trabalho que cada educadora e educador realiza. Ao escreverem sobre sua prática pedagógica – nos planejamentos de atividades ou reuniões, nos registros de análise de aulas, nos relatórios de alunas e alunos, nas sínteses de reuniões, nos resumos de estudos, entre outras práticas – as e os educadores assumem seu posicionamento e atribuem sentido ao fazer pedagógico, conferindo autoria ao trabalho que realizam. Dessa maneira, podem avançar cada vez mais como praticantes eficazes da escrita e como educadores mais qualificados, que refletem de maneira crítica sobre sua prática.

No contexto das ações envolvidas na estratégia de observação de aula, duas importantes ferramentas que envolvem a escrita se vinculam durante todo o processo: o planejamento – que prevê aquilo que será realizado em sala de aula, em função dos critérios didáticos discutidos conjuntamente entre docente e CP; e o registro reflexivo – que permite a “materialização” do pensamento (Weffort, 1995, p.44) e, dessa forma, exige o estabelecimento de relações entre as intenções e as realizações, entre as expectativas e as realizações, entre as expectativas e os alcances e entre as conquistas e as faltas (Fujikawa, 2005, p.251).

Após a realização da atividade em sala de aula há um distanciamento necessário para se voltar à prática realizada que a própria situação de escrita permite. É uma oportunidade “parar” e registrar os pontos fortes e os frágeis da atividade, da atuação e dos resultados alcançados. Também é possível refletir tanto sobre os avanços identificados do ponto de vista da prática de sala de aula (relação entre o que foi planejado e o que pôde ser realizado), quanto das aprendizagens dos estudantes. É um movimento que cabe tanto à professora e ao professor quanto à CP que foi coautora do planejamento e observadora da atividade.

Escrever é uma tarefa complexa, mas fundamental em todas as instâncias envolvidas no contexto educacional. A potencialidade dessa estratégia formativa pode favorecer fortemente o desenvolvimento dessa competência profissional.

## Referências

**A escrita como pretexto de reflexão da prática pedagógica e como estratégia de intervenção na formação do professor.** Mônica Matie Fujikawa, Guilherme do Val Toledo Prado e Rosaura Soligo (orgs.). Porque escrever é fazer história – revelações subversões superações. Unicamp, Campinas, SP, 2005.

**A escrita profissional.** Delia Lerner e Bia Cardoso. (org.) Ensinar: tarefa para profissionais. Rio de Janeiro: Record, 2007.

**Boas práticas de formação de coordenadores pedagógicos.** Publicação de sistematização da formação realizada no Programa Ação Educação, de realização da Fundação Vale com a parceria técnica da Comunidade Educativa CEDAC, 2015.

**Era assim, agora não: concepção, princípios e estratégias do projeto de formação.** Regina Scarpa, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1998.

**Observação, registro e reflexão: instrumentos metodológicos.** Madalena Freire Weffort. (org.). São Paulo: Espaço Pedagógico, 1995.

**O seu olhar.** Arnaldo Antunes.

Disponível em: <http://letras.mus.br/arnaldo-antunes/91707/> (acesso em 28/07/20).